

Maria Victoria Navas SÁNCHEZ-ÉLEZ. *El barranquenho. Un modelo de lenguas en contacto*.  
Madrid: Editorial Complutense. 2011. 319 pp,  
ISBN: 978-84-9938-099-5

Clara Araújo Barros  
mbarros@letras.up.pt  
*Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Portugal)*  
*Centro de Linguística da Universidade do Porto*

Na origem deste trabalho sobre o dialeto barranquenho está a investigação desenvolvida no âmbito do *Projeto Diacronia e Sincronia: linguagens fronteiriças* da responsabilidade da Autora que o criou e coordenou no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

A obra em análise apresenta, de forma exaustiva e sistemática, os resultados da investigação elaborada durante um longo período de recolha e de interpretação de dados, aprofundando um tema sobre o qual existiam anteriormente muito poucos estudos. O livro é constituído por uma introdução, cinco capítulos e seis anexos.

Na *Introdução* (pp.11-19), a A. expõe os objetivos do trabalho, a sua relevância, os principais aspetos da metodologia utilizada e esclarece as condições que originam a sua investigação, que surge já em 1987, por sugestão do professor Lindley Cintra. Os materiais para a pesquisa foram recolhidos durante a estadia da autora na região e na comunidade de Barrancos, de 1988 a 1990, seguida de diversas estadias que foram mais breves. Foram ainda utilizadas entrevistas efetuadas pelo professor Lindley Cintra em 1965. São abordadas questões metodológicas e aspetos teóricos concretos que definem um caminho original de investigação sobre esta *língua* minoritária. A metodologia utilizada combina o método antropológico e a sociolinguística variacional iniciada por William Labov, cruzando dados da dialetologia, da sociolinguística e da estatística matemática. As entrevistas, que analisam diferentes situações de comunicação e contemplam trinta

informadores, têm como ponto de partida um questionário desenhado especificamente para este estudo, que está descrito no Anexo I.

O barranquenho, situado entre a variedade portuguesa alentejana e as variedades espanholas estremenas e andaluzes é um dialeto meridional peninsular que revela afinidades com os dialetos portugueses centro-meridionais do interior, mas apresenta traços particularmente arcaizantes e marcas de uma forte influência do espanhol. Tais características explicam-se pela especificidade da sua localização e da sua história – marcadas pelo isolamento no contexto português e pela continuidade de povoamento espanhol. Este trabalho parte da análise das realizações da sibilante implosiva /-s/ – traço selecionado como específico, mas trata outros traços fonéticos, aspetos morfossintáticos e lexicais. Recolhe também e analisa textos da literatura oral / tradicional. Nas páginas finais da introdução figuram uma lista dos informadores, de ambos os sexos, agrupados em quatro gerações e em três grupos construídos com base no nível da sua formação escolar e uma lista dos símbolos utilizados.

No capítulo I – *El espácio geográfico y su historia* (pp. 21-47) – são abordados três aspetos fundamentais: a continuidade do espaço geográfico e da atividade económica nesta área meridional da península, o isolamento da região de Barrancos no contexto português e as diversas vagas de povoamento espanhol nessa região.

A A. começa por descrever as condições históricas e geográficas que favoreceram o aparecimento da fala barranquenha. Salienta a ausência de diversidade do espaço físico entre o Alentejo e as províncias de Huelva e Badajoz, regiões que delimitam a área de Barrancos. A fronteira política foi estabelecida nos tratados de Badajoz (1267) e de Alcañices (1297), mas a continuidade das comunidades humanas parece ter prosseguido imperturbada, sem uma fratura, desde o período medieval.

Houve sempre em Barrancos uma grande tradição de povoamento espanhol de estremenos ou andaluzes. Em finais do século XVII (1674-1704) 20% da população é espanhola. Dados de 1877-1894 revelam que um terço da população de Barrancos é espanhola e, dos restantes dois terços, 80% é de ascendência espanhola. No período das invasões francesas, famílias ricas de agricultores e comerciantes andaluzes instalaram-se e permaneceram na região e durante a guerra civil espanhola houve também intenso movimento

de espanhóis em direção a Barrancos.

O isolamento foi um fator de manutenção do dialeto: as ligações eram más em todas as direções, mas sobretudo precária a comunicação em relação ao lado português, sendo recente a ligação a Moura (a 50 km) e às restantes povoações portuguesas (a uma distância sempre superior a 20 km). Os contactos culturais e humanos com a Espanha, a escassos 9 Km, foram sempre mantidos. Daí a presença de aspetos culturais de nítida influência espanhola como os touros de morte, o folclore andaluz, as romarias, e os festejos natalícios com canções espanholas.

O capítulo II – *Descripción del barranquenho* (pp.49-169) – é central na obra. Nele se efetiva o inventário de características linguísticas do dialeto. As diversas propostas aqui apresentadas mostram-se inovadoras pelo tratamento dos fenómenos que ilustram a fala barranquenha e pela explicitação de razões que explicam as suas características. A análise sociolinguística variacional foi aplicada ao estudo das realizações da sibilante em posição implosiva.

A análise da situação linguística na comunidade ocupa a parte inicial do capítulo. Segundo a A. falam-se e ouvem-se três línguas na região, embora os falantes de Barrancos não sejam todos trilingues como tem sido afirmado. Poucas pessoas se expressam sempre em português – apenas os professores e outros funcionários. É também falado em português tudo o que respeita à religião: missas, novenas e rosários. Em situações formais, usam por vezes o português os que frequentaram o ensino secundário e superior em cidades portuguesas. Apesar disso, cerca de metade da população ainda tem pouco contacto com o português e existe um número significativo de pessoas que nunca usa o português. As famílias de origem espanhola, sobretudo nas gerações mais velhas, falam um espanhol regional, com arcaísmos, influências diversas e hipercorreções. Finalmente, falam barranquenho as pessoas ali nascidas, com pais da região. Falam-no sobretudo em família. As línguas mais ouvidas são o barranquenho e o espanhol. Os falantes trilingues são raros – só os que falam português no trabalho, barranquenho em família e espanhol com os espanhóis.

O tema central do capítulo é a descrição geral do dialeto que evidencia traços da variedade portuguesa alentejana e das variedades espanholas andaluzas e estremenhas, sendo marcado também por arcaísmos, alguma

influência leonesa, e arabismos. A complexidade da situação linguística exige uma descrição que contemple as características do português e do espanhol e que tome em consideração dados da sua variação sincrónica e diacrónica. A descrição fonológica começa pelo sistema vocálico, propondo interessantes hipóteses históricas sobre a não-elevação das vogais átonas e sobre a monotongação dos ditongos nasais – explicadas por uma influência castelhana ou por conservadorismo, porque correspondem também às realizações do português antigo. No barranquenho as sibilantes são pré-dorso-dentais como no português central e meridional, mas por vezes apicoalveolares – como no espanhol. A sibilante final pode não ser articulada, quer no sintagma nominal – no artigo, no nome, no adjectivo –, quer na 1ª pessoa do plural dos verbos. Este fenómeno, a articulação da sibilante implosiva /-s/, revela variação sociolinguística, sendo a sua realização condicionada por variáveis como o estilo e o nível de escolarização: em 67% dos casos é articulada a sibilante, em 16% dos casos é aspirada /-h/, e em 17% dos casos, não é articulada/-0/. Quanto mais formal for o estilo e maior o grau de escolarização, mais a sibilante é pronunciada. A variação corresponde também ao contexto linguístico sendo a elisão mais frequente nos determinantes: artigos, demonstrativos, indefinidos e possessivos. A descrição contempla outros fonemas como /// e /r/, que a A. confronta com realizações de outras variedades meridionais, do português do Brasil e do espanhol. O /v/ realizado como bilabial é de provável influência castelhana, porque a isófona horizontal portuguesa está muito afastada a norte. São também descritos aspetos da morfossintaxe em que se observam diferenças em relação à norma do português para as quais a A. apresenta dois tipos de explicação: o isolamento, que é propício à conservação de traços arcaicos, e a grande proximidade do espanhol. São referidos o sistema verbal, partículas diversas, categorias como o artigo, o género e o número, com formas observáveis quer em português arcaico quer em espanhol atual. Por motivos fonológicos (a elisão da sibilante implosiva /-s/), a marca de número pode não estar presente quando a consoante não é pronunciada. É assinalada ainda a presença do diminutivo arcaizante *-ito*, como em *canito*, *granito* em que surge o *n* intervocálico arcaizante, típico dos dialetos moçárabes meridionais peninsulares. No sistema pronominal é sublinhada a presença de pronomes como *vocedes* e

com nós, presentes também em galego e noutras variedades de português. O pronome complemento apresenta traços arcaizantes: *la vendia, le disse, lo chamam, sas levou*.

Em relação ao léxico, algumas formas espanholas estão mais integradas no dialeto, outras são superficiais e tendem a desaparecer nos falantes que dominam o português. Na antroponímia e na toponímia encontram-se nomes tipicamente espanhóis. Na segunda parte do capítulo é sistematizada em quadros e tabelas a distribuição da sibilante e é estudado o efeito dos diferentes contextos linguísticos – na presença da sibilante, na articulação aspirada e na elisão. Figuram igualmente quadros com os resultados da comparação com as realizações das vilas espanholas mais próximas e com outros dados dialetais de Portugal. A A. estabelece ainda uma comparação do barranquenho com os dialetos portugueses do Uruguai, em que se observa a elisão de /-s/ na 1ª p. dos verbos, fenómeno com diferente distribuição em relação ao espanhol sul-americano. E faz também um confronto entre a distribuição de /-s/ em barranquenho, onde a presença da sibilante é maioritária, e alguns dados do espanhol das Caraíbas, revelando que neste dialeto hispânico a presença da sibilante é minoritária. A A. demonstra que é possível observar momentos diferentes de evolução para este fenómeno muito difundido em variedades peninsulares meridionais e perspectiva em números globais e percentuais a variação da sibilante, que apresenta parâmetros complexos. A comunidade barranquenha revela um uso heterogéneo, podendo ocorrer as três articulações num mesmo falante. A variação é analisada nos diferentes contextos com graus de formalidade variável e a análise dos dados estatísticos explicita a correlação de fatores linguísticos e sociais. Todas as variáveis analisadas neste capítulo estão expostas no Anexo II. A interpretação dos resultados revelou que, no barranquenho, em 82% dos casos a sibilante está presente, sendo 67% a norma e 33% desvio – a articulação aspirada. A presença da sibilante verifica-se mais em posição interna e a elisão mais em posição final. A A. analisa em seguida as consequências do fenómeno – presença ou ausência do morfema de número, no sintagma nominal e na terminação verbal da 1ª pessoa do verbo. A parte final do capítulo inclui as entrevistas de Lindley Cintra em Barrancos e um estudo comparativo do léxico do barranquenho, do português-padrão, do espanhol de Encinasola e do espanhol-padrão para

observar a influência das áreas portuguesa e espanhola em contacto.

No capítulo III – *Las lenguas fronterizas* (pp.171-200) – a A. procede à análise dos diversos casos de existência de línguas fronteiriças entre a Espanha e Portugal, marcadas por bilinguismo e por mútua influência linguística. No seu conjunto, os aspetos reunidos neste capítulo perseguem dois objetivos fundamentais: a apresentação do conceito de línguas em contacto e a sugestão da utilidade da aplicação deste conceito a casos concretos exemplificados pela tipologia do barranquenho e da sua comparação com o “fronterizo” sul-americano.

A abordagem das línguas fronteiriças em contacto é fonética, mas também morfossintática e há uma integração dos fenómenos observados nos dados conhecidos de outras línguas românicas. São apresentados, em quadros e em tabelas, os resultados do inquérito realizado – resultados de /r/, /ll/ e da alternância entre /r/ e /ll/ em posição interior; da lábio-dental /v/ e da bilabial /b/; e da elisão de /-d-/ em posição intervocálica. Todos estes traços são comuns nas falas meridionais da península. A A. estabelece uma comparação/contraste entre o barranquenho e o ‘fronterizo’ falado na região do Uruguai em fronteira com o Brasil. Expõe o contraste fonológico, o contraste morfossintático e alguns exemplos lexicais do *fronterizo* e do barranquenho, em quadros comparativos. As condições de contacto de línguas análogas – o português e o espanhol – nestes dois casos, reveste-se de traços semelhantes, tanto mais que as variedades das duas línguas ibéricas que se encontram em contacto na região sul-americana são também meridionais. Estes dois dialetos em confronto apresentam dados socioeconómicos diferentes, mas com uma mesma determinação e atitude positiva dos falantes em relação à sua língua. Na parte final do capítulo III, a A. faz ainda uma análise detalhada de fenómenos de mútua influência do português e do castelhano e estabelece paralelos com a situação do galego e do leonês.

No Capítulo IV – *Literatura oral y tradicional. Testimonios de música popular* (pp. 201-263) – a A. abre o âmbito do estudo a dimensões literárias, antropológicas e etnológicas sem nunca se afastar de um propósito eminentemente linguístico, reunindo um precioso acervo de aforismos, refrões, anedotas, contos, canções e romances tradicionais. Destaca-se a recolha e análise de composições da música popular tradicional desta

região, nomeadamente de textos das canções dos “quintos de Barrancos”, relacionadas com a partida dos jovens para o serviço militar. Por vezes, o tema das composições é mais geral e poder-se-iam incluir nas “cantigas de ronda” conhecidas na Espanha meridional e no Alentejo. A recolha dos textos é seguida de uma análise detalhada das características fonéticas tipicamente meridionais e de um levantamento tipológico de traços morfológicos e lexicais a partir do estudo de diversas versões dos textos orais/tradicionais. A perspetiva comparatista sublinha a importância relativa do contexto português ou espanhol.

De referir ainda a extensa informação bibliográfica que abarca um domínio multidisciplinar, com predomínio da linguística da variação, comportando estudos de dialetologia e de sociolinguística, de linguística românica, portuguesa e espanhola e também de literatura oral/tradicional, folclore, antropologia e história.

Esta obra está direccionada para a reflexão sobre a importância do estudo das línguas em contacto e a A. defende que o processo de diferenciação é complexo, fazendo apelo à necessidade de incorporar a dimensão social à determinação dos grupos a inquirir. É de sublinhar o facto de serem abordados conjuntamente os aspetos teóricos da questão das línguas em contacto e os problemas metodológicos concretos inerentes à identificação, descrição e explicação das características de uma variedade dialetal. Para além da importância dos contributos gerais que as implicações teóricas e práticas da metodologia preconizada nesta obra trazem à teoria linguística, ela interessa de um modo particular aos investigadores que estudam temas relacionados com dialetos em situação de bilinguismo, nomeadamente na península ibérica e na América Latina. É sobretudo nestes domínios que as diversas propostas teóricas e metodológicas aqui apresentadas se mostram inovadoras, pelo tratamento pluridimensional dos dados de um inquérito e pela conjugação de uma tradição dialetológica de investigação de variedades linguísticas com correntes mais recentes da ciência linguística. Trata-se da única obra de fôlego publicada sobre o tema e resulta de um período muito longo de investigação. Durante as duas décadas em que decorreu a sua investigação, a A. publicou um grande número de trabalhos parcelares relacionados com o estudo do dialeto barranquenho. Mas sentia-se sem dúvida a falta desta obra de síntese que apresenta de modo muito

completo e sistemático os fecundos resultados dessa investigação. Pena é, talvez, que exista um lapso temporal grande entre esta publicação e a fase inicial do trabalho, mas o prolongado período de investigação permitiu o desenvolvimento da análise e o amadurecimento das conclusões. Trata-se de um estudo multifacetado e inovador do ponto de vista teórico e metodológico: descreve as características do dialeto barranquenho, enquadra-o num cenário de variação e propõe análises que suscitam conhecimentos da dialetologia do espanhol e do português como idiomas em contacto e da evolução histórica das duas línguas. Situando-se, assim, na interseção de parâmetros de variação sincrónica e diacrónica, esta obra constitui um valioso contributo para o estudo da linguística da variação.